

NEM SÓ DE PASSADO DO PASSADO VIVE O PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO: PUDERA!

*Joalède Bandeira**
*Lucas Campos***

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar o processo de gramaticalização/discursivização da terceira pessoa do singular do pretérito Mais-que-perfeito simples, dos verbos dar, poder, prover, querer e tomar que, nessas pessoas, por vezes, perdem o caráter verbal de tempo passado e, em certos contextos, assumem o valor de interjeição ou de locução interjeitiva, caracterizando orações optativas. O artigo segue a perspectiva teórico-metodológica do Funcionalismo Linguístico. Por se tratar da ampliação de um estudo anterior (Cf. BANDEIRA, 2011) o *corpus*, constituído de documentos do gênero epistolar – cartas de brasileiros e portugueses do século XVI ao século XX –, além de inquéritos do tipo DID, década de 1970 e de 1990, do Projeto Análise Contrastiva de Variedades do Português – VARPORT (Portugal) e do Projeto NURC (Brasil) das cidades de Salvador e Rio de Janeiro, foi aproveitado dessa abordagem.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo; Gramaticalização; Interjeição; Mais-que-perfeito; Verbo.

1 Introdução

As línguas estão em constante processo de mudança. As mudanças que ocorrem, no entanto, não são imediatamente sentidas pelos falantes, nem esses falantes estão necessariamente conscientes de tais mudanças. Isso acontece porque as mudanças (a) são

* Doutora em Linguística Histórica pela Universidade Federal da Bahia (Ufba).

** Doutor em Letras e Linguística, pela Universidade Federal da Bahia (Ufba). Pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2008. Professor Adjunto da UESB, Vitória da Conquista.

lentas, graduais e (b) parciais, envolvendo apenas partes do sistema linguístico e não o seu todo.

A mudança linguística não pode ser entendida em termos de uma diacronia linear, caracterizada por transformações decorrentes da evolução temporal. Como afirma Saussure (1995, p. 77), “o tempo muda todas as coisas, não há razão para a língua escapar dessa lei universal”. Partindo desse pressuposto, compreende-se a mudança como inevitável, uma vez que a língua é um produto social e como a sociedade muda, a língua segue o mesmo princípio.

Com essa perspectiva, o objetivo deste trabalho é analisar o processo da gramaticalização/discursivização da terceira pessoa do singular do pretérito Mais-que-perfeito simples, dos verbos dar, poder, prover, querer e tomar. Nessas pessoas, as formas “in te-la”, por vezes, perdem o caráter verbal de tempo passado e, em certos contextos, assumem o valor de interjeição ou de locução interjeitiva, caracterizando orações optativas. Nesse caso, essas formas, a princípio verbais, assumem uma “expressão emocional” em orações optativas. Por exemplo na frase “Que galante tradução será a do nosso italiano! Quem me DERA já vê-la!” (CAVALEIRO DE OLIVEIRA, 1982).

As interjeições, são consideradas, pela maior parte dos gramáticos normativos, como uma subclasse gramatical, mas, em nenhum deles é mencionada a questão da gramaticalização das formas verbais anteriormente citadas, o que caracteriza a originalidade e relevância deste tema, uma vez que poderá contribuir para a compreensão dos constantes transformações que a língua sofre ao longo do tempo.

O trabalho segue a perspectiva teórico-metodológica do Funcionalismo Linguístico, que se baseia no postulado de que a estrutura da língua é determinada pelas funções da linguagem nos diversos contextos de uso. Assim, as correntes funcionalistas desenvolvidas por Givón (1984), Hopper e Traugott (1991), Haiman (1985) e Thompson (1995), entre outros representam uma tentativa de explicar a forma da língua, a partir das funções que ela desempenha na interação verbal.

Entre os vários processos de mudança linguística, a gramaticalização é considerada um dos mais observáveis nas línguas. O processo pode ser encontrado em todas as línguas e pode envolver qualquer tipo de função gramatical. Através desse processo, itens lexicais e construções sintáticas passam a assumir funções referentes à organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas.

Considerando tratar-se de uma ampliação de um estudo desenvolvido anteriormente (Cf. BANDEIRA, 2011), o corpus definido para este trabalho foi constituído de documentos do gênero epistolar – cartas de brasileiros e portugueses do século XVI ao século XX –, além de inquéritos do tipo DID, década de 1970 e de 1990, do Projeto Análise Contrastiva de Variedades do Português – VARPORT (Portugal) e do Projeto NURC (Brasil) das cidades de Salvador e Rio de Janeiro.

2 Gramaticalização

Filiada ao Funcionalismo, a gramaticalização constitui-se um dos processos de mudança linguística, visto, segundo Heine (1991, p. 10-11), “como algo pertencente à linguística diacrônica”, ou seja, como uma forma de analisar a evolução linguística, de reconstituir a história de uma língua ou relacionar as estruturas linguísticas do momento com os padrões anteriores do uso linguístico.

A gramaticalização é compreendida como um processo diacrônico e como um *continuum* sincrônico que atinge tanto as formas que vão do léxico para a gramática como as formas que mudam no interior da gramática. O termo *gramaticalização* foi empregado por Meillet em 1912, em seu artigo “L’evolution des formes grammaticales”, para indicar “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra outrora autônoma”, que juntamente com a analogia, origina as novas formas gramaticais.

Através do processo de gramaticalização, itens lexicais e construções sintáticas passam a assumir funções referentes à organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas. Para Heine et al (1991) “a idéia de gramaticalização implica na idéia de um processo pelo qual um item lexical, ou uma estrutura lexical, passa, em certos contex-

tos, a exercer uma função gramatical ou um item já gramatical passa a exercer uma função ainda mais gramatical”.

Castilho (1997, p. 33) explica o processo como o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema. Esse trajeto se dá tanto no tempo real quanto no tempo aparente: num sentido mais amplo, a gramaticalização é a codificação de categorias cognitivas em formas linguísticas, incluindo-se a percepção do mundo pelas diferentes culturas e o processamento da informação.

São considerados estágios da Gramaticalização: (1) a sintaticização de um item lexical abrange: a) a recategorização sintática (mudança de classe da palavra); b) a categorização funcional (categorias sintagmáticas recebem propriedades argumentais e de adjunção na sentença) e c) o relacionamento de sentenças (coordenação, subordinação). (2) a recategorização de categorias lexicais apresenta o seguinte continuum: Categoria maior [Nome, Verbo, Pronome] > Categoria Mediana [Adjetivo, Advérbio] > Categoria Menor [Preposição, Conjunção, Pronome, Verbo auxiliar] (HOPPER, TRAUGOTT, 1993).

3 As interjeições sob a ótica das gramáticas das gramáticas do século XIX ao XXI

Neste tópico serão sintetizadas as noções apresentadas sobre a interjeição em algumas gramáticas do século XIX o XXI.

Barboza (1822, p. 100) afirma que há dois modos contrários que possibilitam conhecer através da linguagem os pensamentos: (1) natural e sumário que representa todas as percepções e sentimentos, que a “nossa alma experimenta tumultuariamente” e (2) artificial e analítico, que separando as ideias e as faz suceder umas às outras. Desses dois modos, para o autor, “nasce a Divisão a mais geral das palavras em duas classes. ‘Huma das palavras Interjeitivas, ou Exclamativas, e outra das Discursivas, ou Analyticas.’”

Para o autor, as interjeições são:

humas partículas, desligadas do contexto da Oração, exclamativas e pela maior parte monosyllabas e aspiradas, que exprimem os transportes da paixão, com que a alma se acha ocupada. Ellas são a Linguagem primitiva, que a natureza mesma ensina a todos os homens, logo que nascem, para indicarem o estado, ou de dôr, ou de prazer interior, em que sua alma se acha. (BARBOZA, 1822, p. 101)

O autor explica que há interjeições verdadeiras e também palavras que são empregadas interjeitivamente, a exemplo de “Alto!, Ânimo!, Fóra! a Deus!”, explicando que essas são discursivas e quando empregadas como interjeições trata-se de “orações elípticas, que com o suplemento de hum verbo se completão facilmente e se reduzem ao que são”.

Para Júlio Ribeiro (1881, 1889) a interjeição não está sujeita às leis do pensamento, não se governa pela grammatica, não tem derivação. As verdadeiras interjeições são sempre as mesmas em todas as línguas. (1881, p. 178) e assim conclui “A interjeição, como brado instintivo que é, não se subordina a regra de syntaxe. Nada há aqui a dizer sobre ella.” (1889, p. 271).

Carneiro Ribeiro (1890, p. 268) apresenta a interjeição como “um modo de expressão extra-grammatical; uma espécie de grito, de que usamos, para exprimir as paixões, os sentimentos súbitos de nossa alma.” O autor divide as interjeições “em interjeições propriamente ditas” ou “naturaes”, - ah! ha! eh! he! ih! hi! oh! hol uh! Hu! ai! ui! bui! bou! - , chamadas também simples, e “analyticas ou convencionaes” – que são os signos da linguagem analítica, alterada ou não na orthografia - apre! arre! arreja! arreda! irra! sa-fa!fora! bofe! ápage! ora! ora sus! oxalá! alto! Eial, entre outros exemplos.

Interessa particularmente a esta análise a menção de Carneiro Ribeiro às “locações e phrases empregadas interjectivamente”, que estão exemplificando com: Praza a Deus! quem me dera! tomara eu! Ave Maria! ai de mim! ai Jesus! aqui del-rei! quem me acode! ora deixe-me! Homessa!...”, na qual o autor usa a expressão “empregada interjectivante”,

ou seja, termos que não são inicialmente interjeições, mas que são utilizadas como se assim o fossem.

Segundo Napoleão Almeida (1999, 2005, p. 81/365) a interjeição “vem a ser a expressão sintética do pensamento, podendo desdobrar-se em uma oração.” O autor assim resume sua definição “Muito pouca importância tem esta classe de palavras; além da divisão e de algumas notinhas, nada mais há que sobre elas dizer.”. Assim como outros autores, divide as interjeições de acordo com o sentimento que exprime. Ele reconhece o “tomara” como expressão de desejo, mas não faz nenhuma observação em especial.

Cegalla (1975, p. 253) conceitua a interjeição como “uma palavra ou locução que exprime um estado emotivo”. Ele explica que “vozes ou exclamações vivas e súbitas que brotam de nossa alma sensibilizada” têm nas interjeições o recurso da linguagem afetiva ou emocional para expressá-las. O autor classifica, assim, as interjeições pelos sentimentos expressos. Desse modo, “Tomara!” e “Quem me dera!” são classificadas como expressão de desejo e “Pudera!” como expressão de assentimento ou concordância.

Rocha Lima (1992, p. 190) e Bechara (1999, p. 330) afirmam objetivamente que a interjeição “é a palavra que exprime emoção”. Para eles, as interjeições “são elementos afetivos da linguagem, e valem por frases inteiras, cujo sentido, às vezes, pode variar segundo a entonação que as acompanhe”. As interjeições são classificadas de acordo com o “sentimento que exprimem”. Reconhecem “Tomara!” como uma interjeição que expressa de desejo tanto quanto “oxalá!”. Não fazem nenhuma menção aos demais termos aqui em estudo.

Luft (2002, p. 192) conceitua a interjeição como “Elemento linguístico – fonema, palavra, grupo de palavras – mediante o qual se exprimem apelos, emoções súbitas, ideias não racionalmente estruturadas”. O autor observa que, se as interjeições forem empregadas de forma “mais ou menos consciente para agir sobre o ouvinte”, elas têm um papel parecido com o das proposições lógicas, visto que “As fronteiras entre uma coisa e outra nem sempre são rigorosas”.

Azeredo (2014, p. 77), explica que a interjeição é “uma espécie de palavra que se emprega exclusivamente como frase de situação, realizando atos de fala diretivos ou expressivos”. Para o autor elas pertencem, por sua função comunicativa, “à classe dos substitutos oracionais” comparando-as com os advérbios sim e não, que afirma terem a mesma função das interjeições.

Poucos são os autores que reconhecem os termos dera, tomara, pudera como interjeições. Nenhum dos autores consultados indicou quisera e prouvera como interjeições.

4 O *corpus*

Para a consecução do objetivo proposto nesse trabalho que é o de analisar o processo de gramaticalização/discursivização da primeira/terceira pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito simples, dos verbos dar, poder, prover, querer e tomar, que, em determinados contextos, perde a noção de tempo verbal, assumindo o valor de uma expressão emocional em orações optativas, ou mesmo de interjeição, optou-se por utilizar o mesmo *corpus*¹, anteriormente, da tese “**Carteando e dialogando com o pretérito mais-que-perfeito: os caminhos trilhados do século XVI ao XX**” (Cf. Bandeira, 2011).

Houve a necessidade de uma reordenação do *corpus*, visando atender ao que se objetivava para esta nova etapa de trabalho. Foram encontradas 142 ocorrências dos verbos em estudo (vide tabela 1):

¹ Neste trabalho o termo *corpus* é utilizado em substituição a *corpora* tendo em vista considerar-se o conjunto de textos analisados como uma unidade.

Tabela 1 - Ocorrências por século

Verbo	Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX	Qtd. Ocorrências	% verbo – Total corpus
Dera	5	6	6	0	4	21	15%
Pudera	10	37	2	1	1	51	37%
Quisera	5	28	6	16	1	56	41%
Pruvera	0	1	1	0	0	2	1%
Tomara	1	5	2	0	0	8	7%
Total	21	77	17	17	6	138	100%
% Verbo-século	15%	56%	12%	12%	4%	100%	

Levantadas as ocorrências por século, partiu-se para a quantificação do emprego dos diversos verbos separando-os ainda, em primeira e terceira pessoas. Nessa seleção obteve-se o seguinte resultado:

Tabela 2 - Ocorrências das formas verbais em estudo

Verbo	Ocorrências	%
Dera	21	15%
Pudera	51	37%
Quisera	56	41%
Pruvera	2	1%
Tomara	8	6%
Total	138	100%

Como se pode observar as formas pudera e quisera são os que totalizam o maior número de ocorrências, seguidos das formas dera, tomara e com apenas duas ocor-

rências de pudera. O passo seguinte será analisar os dados coletados na pesquisa, a fim de verificar se estes, através dos estágios de gramaticalização, fazem eco com o que está presente nos levantamentos até aqui apresentados.

5 Análise do processo de gramaticalização dos verbos dar, poder, prover, querer e tomar

A gramaticalização de itens verbais já conta com um considerável número de estudos (TRAVAGLIA (2002, 2003, 2007); SANTOS, E. (2009), COELHO, VITRAL (2010), etc.). Em todos os estudos nota-se que os autores fazem adaptação dos sete estágios propostos por Heine (1991). A adaptação da proposta original se torna necessária para atingir os objetivos de cada abordagem. No caso específico deste estudo, a adaptação é imperiosa, tendo em vista que cada um dos verbos em estudo segue uma trajetória distinta. Assim, para este trabalho, foram definidos os estágios de gramaticalização com base no valor prototípico de verbo no pretérito mais-que-perfeito, isto é, com o valor de passado do passado e foram definidos cinco estágios:

Estágio 1 – o verbo tem significado lexical pleno de passado do passado e os seus objetos referem-se a um objeto concreto. Para isso deverá apresentar “uma relação de dupla anterioridade entre o momento do enunciado e o tempo do evento já terminado expresso na frases que, por sua vez, se relaciona com outro a ele posterior”, mas também anterior e “também terminado em relação ao momento do enunciado” (MATOS E SILVA, 2010, p. 412) = “passado do passado”

Estágio 2 – o verbo começa a perder características de passado do passado, adquirindo os valores de futuro do pretérito simples do Indicativo, em que estabelece uma “relação de posteridade entre o momento do enunciado e o tempo do evento que não se realizou e, portanto, já passado”, (MATOS E SILVA, 2010, p. 412)

Estágio 3 – o verbo ainda mantém as características pertinentes a um verbo, mas perde totalmente a noção de passado do passado, assumindo o valor de pretérito imperfeito do Subjuntivo, cuja característica principal é a de expressar uma ação irreal, hipotética.

Estágio 4 – o verbo começa a perder a noção de verbo e tende a ser visto como pertencendo a outra classe gramatical, perdendo a possibilidade de ser negado separadamente e também de ocorrer em outras posições na oração passando a apresentar uma noção optativa

Estágio 5 – o verbo perde toda e qualquer característica verbal e se torna uma expressão emocional ou uma interjeição.

A partir dos estágios propostos, pode-se indicar o seguinte continuum para a análise dos verbos aqui em estudo:

V. pleno com valor de passado do passado > V. pleno com valor de Futuro do pretérito do Indicativo - V. pleno com valor de imperfeito do Subjuntivo > expressão optativa > interjeição

Estabelecido os estágios, serão analisadas e categorizadas as ocorrências encontradas no “corpus”, considerando que cada um dos verbos apresentou características diversas.

5.2 O verbo dar

V. pleno com valor de passado do passado	>	V. pleno com valor de Futuro do pretérito do Indicativo	-	V. pleno com valor de imperfeito do Subjuntivo	>	expressão optativa
--	---	---	---	--	---	--------------------



Gráfico 3: Estágio de gramaticalização da forma dera

Estágio 1

- (1) Senhor. Se a minha dor de cabeça me DERA lugar, logo me partira. (sec. XVI Jaime, duque de Barcelos, 0110)
- (2) ... e este foi o impedimento porque na frota passada faltei com resposta à carta de que V. Ex.^a. me fez mercê, a qual, quando eu estivera ou me DERA por muito ofendido, não só bastava mas excedia a satisfação dos maiores agravos. (Séc. XVII, Padre Antonio Vieira, CXXVIII)
- (3) Dizendo-lhe alguns senhores que certa moça tinha roubado o coração a Filipe, seu esposo, por meio duma bebida que lhe DERA, ordenou Olímpia que viesse a dita moça à sua presença, porém examinando os seus agrados e a excelência do seu carácter conheceu e disse a todos que aquela mulher tinha o filtro na sua própria pessoa. (Séc. XVIII, Cavaleiro de Oliveira, 11)
- (4) Quem me DERA TER a certeza de tu teres saudades de mim a valer. Ao menos isso era uma consolação... (Sec. XX, Fernando Pessoa, 132)

Estágio 2

- (5) E crea V. A. que nehuña mezinha me poderees dar este verão passado, pera Remedio de minha doença, que a que V. A. me deu em nõ me dar conta de nenhuña cousa vossa, senam do cassamento do senhor Infante depois do feito; porque se fora antes de feito, podera ser que me DERA muita pena cuydar nisso; e ser feito me deu consolação. (Séc. XVI, Jaime, duque de Barcelos, 0106)
- (6) ... porque se fora antes de feito, podera ser que me DERA muita pena cuydar nisso; e ser feito me deu consolação (Séc. XVI, Jaime, duque de Barcelos, 0106)

Estágio 3

- (7) DERA-lhe o segundo prémio das silvas, se houvera segundo, ou lhe partira o primeiro, a ter autoridade. (Séc. XVII – Padre Antonio Vieira CXXVII)

Estágio 4

- (8) Ó quem me DERA esperar o dilecto Padre Ambrosio Pirez a Ver a Certeza destas cousas, porque yr elle em tempo de semear com lagrimas e não esperar o tempo de recolher com alegria não levava bens que dizer mas desconsoações que contar. (Séc. XVII – Cartas dos Jesuítas, 028)
- (9) Que galante tradução será a do nosso italiano! Quem me DERA já vê-la! (Sec. XVIII, Cavaleiro de Oliveira, 04)
- (10) Oh quem te DERA já ver, ó tradução! Sendo horas de começar o jogo na Assembleia, se recebeu facilmente o conselho da condessa de Laval, tanto mais que estavam a entrar os cavalheiros. (Sec. XVIII, Cavaleiro de Oliveira, 04)

6.2 O verbo poder

V. pleno com valor de passado do passado > V. pleno com valor de Futuro do pretérito do Indicativo - V. pleno com valor de imperfeito do Subjuntivo > expressão optativa > interjeição

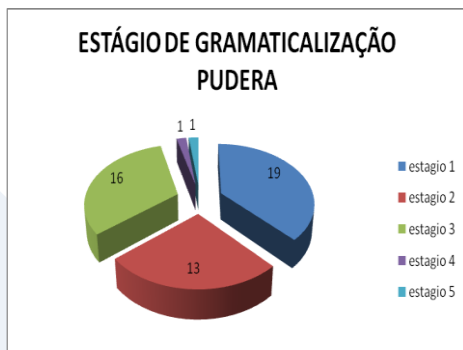


Gráfico 4: Estágio de gramaticalização da forma pudera

Estágio 1

- (11) E crea V. A. que nehuũa mezinha me poderees dar este veraão passado, pera Remedio de minha doença, que a que V. A. me deu em nõ me dar conta de nenhuũa coisa vossa, senam do cassamento do senhor Infante depois do feito; porque se fora antes de feito, PODERA ser que me dera muita pena cuydar nisso; e ser feito me deu consolação. (Século XVI, Jaime, duque de Barcelos, 0106)
- (12) Visitando um dia destes a meu irmão no convento, aonde já PUDERA ter professado duas vezes, me leu uma carta que escreve a V. Mce., em que diz tudo o que se pode fiar de papel. (Séc. XVII, Padre Antonio Vieira, CCX)

Estágio 2

- (13) Tempo era, este queto o governo na Yndia PODERA fundyr muito; Deos ordene ãa coisa como fez ha outra, poys por estano não ay outro Remedyo sena emcomẽdar a Elle. (Sec. XVI, Infante Luis, 0039)
- (14) ... um homem carregado de anos e de grandíssimos achaques, com um só filho, que PUDERA deixar em sua casa, homiziado também e pronunciado nessa corte, e com inocência exposta a semelhantes perigos. (Séc. XVII, Padre Antonio Vieira, CCIV).
- (15) Parece justo dar a V. M. conta de mi (oxalá² PUDERA ser tambem entrega). (Séc. XVII, Francisco Manuel de Melo, 053)

² Grifo da autora

Estágio 3

- (16) Mas dado que assi seja, eu tenho que se vossa vinda já fora, eu ao menos estivera em parte que ainda que eu quisera não vos PODERA escrever. (Sec. XVI, Jesuítas, 28)
- (17) Outras razões PUDERA dar, que, como são menores, se incluem nestas. (séc. XVII, Francisco Manuel de Melo, 004)
- (18) ... em vime eoitto | de Mayo seachava servido the odia dous deJulho emque o- | suspendi muito posteriôr aotipo dapermissão dentro edepois | doque bem PUDERA ter recorrido para segunda enova Provisam porassim | ser estillo praticado, enão como pertendia osuplicante hir ser- | vido os devidos officios sem nova Provisam. (Sec. XVIII, Cartas Baiannas Setecentistas, 003)
- (19) Tambem bem PUDÉRA deixar de faze-lo, visto que | nada ha de novo. | (Sec. XIX, Brasileiros Cultos 0019)

Estágio 4

- (20) Ah! Quem PUDERA desfazer o passado, e o tornar a trás do tempo e alcançar o impossível, que o que foi não HOUVERA sido! Mas já que isto não pode ser, Deus meu, ao menos seja o futuro emenda do passado, e o que há-de ser, satisfação do que foi. (Séc. XVII – Padre Antonio Vieira, LXI)
- (21) Muitas vezes se quebram os narizes dando sempre com a testa para a porta. Como cairá isto bem na língua italiana! Oh, quem PUDERA já ver a tradução! SEC XVIII, Cavaleiro de Oliveira, 004).

Estágio 5

- (22) Cá estou em casa, sozinho, salvo o intelectual que está pondo o papel nas paredes (PUDERA! Havia de ser no tecto ou no chão!); e esse não conta. (Sec. XX, Fernando Pessoa, 132)

5.3 O verbo prover

V. pleno com valor de passado > V. pleno com valor de Futuro do pretérito do Indicativo



Gráfico 5: Estágio de gramaticalização da forma provera

Estágio 1

- (23) ... porque assim provi pelos pelos documentos que se mencionam quanto a câmara de Holinda PROVERA sempre os ditos officios e nos livros da Secretaria do Estado se não acharam exemplos contra a posse em estava. (Sec. XVII, Governadores, 002)

Estágio 2

- (24) Deus me de saude pera a alma e pera ho corpo, (nam fallo nas rainhas porque estas sam noli me tangere em que homê nô haa de por a boca) que, tirâdo a duquesa — a quem eu devo muito do ensino e tratamento de minha filha — que eu nam vy pessoa em toda minha vida a que minha filha nô faça muita ventagem, ainda que fora filha de huã lavrador; e PROUVERA a Deus que achara eu outra tall pera meu filho em camisa e sem dote nenhuã, ainda que meu filho fora emperador. (Sec. XVI, Jaime, duque de Bragança, 0089)
- (25) Estimo mto que os Estudantes respeitem e temaõ a V. S.a e PROUERA a Deos que elles estimassem tanto a V. S.a como eu e crejo que a sua vos ahinda ouuida de Longe e athe a mesma inserteza da Sua respeitauel Prezenssa fará nelles empreçao de respeito e temor e como tudo isto he parte mto nesesia para a moçidade Deos queira abençoar os sublimes proyettos de V. S.a sobre este Colegio; (sec. XVIII, Pina Manique, 016)

5.4 O verbo querer

V. pleno com valor de passado do passado > V. pleno com valor de Futuro do pretérito do Indicativo - V. pleno com valor de imperfeito do Subjuntivo > expressão optativa



Gráfico 6: Estágio de gramaticalização da forma quisera

Estágio 1

- (26) Depois que vos deixei, vym tã malltratado que cuydey de nã poder chegar aquy; e vinte vezes me QUISERA meter nestes casaaes. (Sec. XVI, Jaime, duque de Barcelos, 114)

- (27) Mas o que eu mais QUISERA se lembrasse é que, no papel que mandou fazer sobre esta matéria, e está em sua real mão, o casamento que eu mais aprovava era o de Baviera, ...(Sec. XVII, Padre Antonio Vieira, CLXXXVII)
- (28) Segundo me escreveu de Londres, ele QUISERA que Você lhe respondesse, e para nós todos a festa seria maior. (Sec. XIX, Machado de Assis, 096)

Estágio 2

- (29) E pode V.M.ê acrescentar que por isso está a Baía como se Lisboa a não QUISERA já, sendo o Brasil o que só tem Portugal. Sec. XVII, Padre Antonio Vieira, CLXXXIX)
- (30) De largo campo necessitavam as minhas desculpas, se as eu QUISERA pôr em campo. (Sec. XVII, Francisco Manuel de Melo,033)

Estágio 3

- (31) ... Dos fydalgos que sua alteza mãe, com chegados a mayor parte, e verdadeyramête que Sam mays do que eu QUYSERA. (Sec. XVI, Infante Luis, 0019)
- (32) Ele cairá nas tuas mãos: bem QUISERA ter eu a mesma sorte! Ai de mim! Louca que sou! Bem me dou conta de que isso não é possível! (Séc XVII, Mariana Alcoforado, 1)
- (33) Eu sim QUISERA ser mais extenso porém este lugar não me permite nem estas digressões que para mim são bem estimáveis. (Sec. XVIII, Marques do Lavradio, 007)
- (34) Eu sou um ignorantão em coisas da Índia; bem QUISERA sabê-las, mas ou me falta inteligência, ou esse invejável amor que tu tens ao trabalho, meu digno e ilustre operário. (Sec. XX, 85 autores portugueses, 141)

Estágio 4

- (35) QUISERA dar-vos uma regra para conhecerdes estes representantes do terno, porém como vos aproveitará o documento sem que vós sejais verdadeiramente sensível e costumada] à ternura? (Sec XVIII, Cavaleiro de Oliveira, 001)

6.5 O verbo tomar

V. pleno com valor de passado do passado > V. pleno com valor de Futuro do pretérito do Indicativo - V. pleno com valor de imperfeito do Subjuntivo > expressão optativa > interjeição³

³ Não foi encontrado *corpus*, propriamente dito, a forma tomara como interjeição, mas ela é reconhecida por gramáticos, dicionaristas e linguístas como interjeição. A ex. de Tomara que você volte depressa.



Gráfico 7: Estágio de gramaticalização da forma tomara

Estágio 1

- (36) Muito homrrado Comde., jorge Fernamdez, meu Reposteyro, me dise que ellRey, meu senhor, lhe TOMARA huum officio d'escrivão da feitoria da Ilha de Cabo Verde, que tinha por seis annos, polo dar a Luis Alvarez.(Sec. XVI, Infante Luis, 002)

Estágio 2

- (37) Êste último papel de V. S. , que, escrito ontem segunda-feira, hoje terça bem tarde recebo, me admirou e enristeceu, como se de repente me TOMARA, e não foi assi. (Sec. XVII, Padre Antonio Vieira, IV)
- (38) Se eu não vira tantos aleives coroados (quero dizer: premiados), alívio TOMARA, conhecendo a vaidade dêste. (Sec. XVII, Padre Antonio Vieira, LXIX)

Estágio 3

- (39) Oh! Quanto TOMARA eu ver a V. S ^a. desta banda. (Sec. XVII, Padre Antonio Vieira, CCLII)

Estágio 4

- (40) Então ele, lançando os braços na espalda de uma cadeira, disse: “Antes TOMARA ter cortadas as mãos que ter feito o que fiz; porque, se o padre me diz isso a mim, que escreverá el-rei?” (Sec. XVII, Padre Antonio Vieira, CCXXX)
- (41) TOMARA eu que os senhores Franceses me dissessem com que direito e com que razão se riem dos excessos e finezas dos Portugueses em matéria de amor, porque, caso negado que esses excessos e essas finezas fossem culpas e vícios repreensíveis, é certo que se descobrem semelhantes acções de franceses que não desmerecem, como esta, de serem contadas na primeira ordem e na primeira hierarquia das famosas constâncias ou extravagâncias do amor. (Sec. XVIII, Cavaleiro de oliveira, 025)
- (42) Estou cheio de cuidado como se tera remediado as couzas e teimas de lozé Barreto TOMARA já ver estabelecido o methodo regular ao mesmo collegio, e ~q se tenha descoberto hum Reitor douto, purdente e com as qualidades necessarias para poder reger hu-

ma caza semelhante e recomendo mto a V. S.a queira tomar em vista este objecto. (Séc. XVIII, Pina Manique, 010)

6 Considerações Finais

Tendo em vista que a primeira/terceira pessoas do pretérito mais que perfeito vem se distanciando de seu sentido original, como verbo pleno que caracteriza o “passado do passado”, passando a ter, por vezes, características de uma interjeição ou assumindo uma “expressão emocional” em orações optativas, o objetivo da presente pesquisa consistiu na análise desse processo de gramaticalização/discursivização .

Constatou-se que a maior parte dos estudiosos ainda considera, o pretérito mais que perfeito, exclusivamente, com o seu valor prototípico de “passado do passado”. Exceção se faz a Cunha e Cintra (1985, 2001, 2010) e Bechara (2001, 2007, 2010) que apresentam outros valores para o mais-que-perfeito e Haug (2014, p. 860) que reconhece o emprego do mais-que-perfeito em orações optativas ou exclamativas para conotar desejo ou esperança, em consonância com a proposta da presente pesquisa.

Em relação às Interjeições, verificou-se uma considerável variabilidade nas classificações apresentadas. Apesar de serem incluídas em gramáticas, dicionários e em estudos linguísticos, salvo algumas poucas exceções, são geralmente tratadas de uma forma muito concisa. Poucos são os gramáticos que reconhecem os termos dera, tomara e pudera como interjeições. Nenhum deles indicou o quisera e o provera como interjeições. Do mesmo modo, os linguístas, apresentam poucos dados sobre a gramaticalização da primeira e terceira pessoa do mais-que-perfeito. À exceção do “tomara” e umas raras menções do “dera” e “quisera”.

No *corpus* de língua oral não se constatou nenhuma ocorrência dos verbos em estudo. Pressupõe-se que não houve contextos favoráveis para a sua ocorrência.

No *corpus* de língua escrita, houve 138 ocorrências distribuídas entre os séculos em estudo. Constatou-se que formas verbais mais empregados foram “pudera” e “quisera” e o século mais “produtivo” no uso dessas formas foi o XVII.

No levantamento realizado nos quatro dicionários, constatou-se que o “dera” apenas é reconhecido como interjeição no dicionário de Aulete (2007); O “pudera”, já é aceito/reconhecido como uma Interjeição, a exceção de Michaelis que apresenta uma posição contrária. Assim como os gramáticos e linguístas, nenhum dos dicionaristas considera o “provera” como uma Interjeição. O mesmo acontece com o “quisera”. Entretanto, Ferreira (2009) chama a atenção ao apresentar “queira Deus! e Oxalá!”, que são locuções interjetivas, como um dos significados de “quisera”, mesmo não a reconhecendo como uma Interjeição, e, por fim, o “tomara” é apresentado de forma unânime como uma interjeição pelos quatros dicionaristas.

Foram definidos cinco estágios de gramaticalização com base no valor prototípico de verbo no pretérito mais-que-perfeito para a análise das formas verbais em estudo. No **estágio 1**, a forma verbal é um verbo pleno, com o valor prototípico de passado do passado; no **estágio 2**, o verbo começa a perder características de passado do passado, adquirindo os valores de futuro do pretérito simples do Indicativo; no **estágio 3**, o verbo ainda mantém as características pertinentes a um verbo, mas assume o valor de pretérito imperfeito do Subjuntivo; no **estágio 4**, o verbo começa a perder a noção de verbo e tende a ser visto como pertencendo a outra classe gramatical, passando a apresentar uma noção optativa e, por fim, no **estágio 5**, o verbo perde toda e qualquer característica verbal e se torna uma expressão emocional ou uma interjeição.

A primeira/terceira pessoas do pretérito mais que perfeito dos verbos dar, poder, prover, querer e tomar apresentam diferentes estágios de gramaticalização. No *corpus* analisado, todas as formas verbais chegaram, pelo menos ao estágio 2, mas apenas o “pudera” pode ser considerado como uma interjeição, tendo em vista que apresentou ocorrências como todos os valores definidos nos cinco estágios. A forma “provera” que apresentou ocorrências como verbo pleno, com o valor prototípico de passado do passado (estágio 1) e também com o valor de futuro do pretérito do Indicativo (Estágio 2). As formas “dera”, “quisera” e “pudera” foram empregadas com valor dos estágios de 1 ao 4, chegando a ser a apresentar uma noção optativa. Entretanto, cabe observar que, nesse *corpus*,

a forma “tomara” não apresentou nenhuma ocorrência como interjeição, mas ela já é reconhecida como tal por gramáticos, dicionaristas e linguístas, além de ser empregada de forma usual pelo pelos falantes, a exemplo de “Tomara que você volte depressa.”. Portanto, como afirmado anteriormente, os resultados aqui apontados se baseiam unicamente no *corpus* analisado; outros resultados poderão ser obtidos com base em outros *corpora*.

Esta pesquisa não esgotou as possibilidades de estudo desse tema, o que constitui uma das belezas de saber que o conhecimento não está pronto. Novas perguntas surgirão a partir desta leitura. Assim, este relato não se constitui, pois, um momento de fechamento, mas a possibilidade de início de um novo investigar. Espera-se que os resultados, bem como as generalizações aqui alcançadas, motivem outros pesquisadores a se “aventurarem” pelos “túneis” linguísticos, notadamente, sobre as orações optativas e as interjeições, que tão poucas pesquisas há no Brasil.

ABSTRACT: This work has as objective analyse the process of grammaticalization/discursivization to third singular person from simple *pretérito mais-que-perfeito* of the verbs give, can, provide, want, and take, than in that person, sometimes lose the verbal feature of the past tense and converts itself in interjection and locution interjective that caracterize optative verbs. The work follow the teoric methodologic perspective of the linguistic Functionalism. Because it is the extension of a previous study (Cf. BANDEIRA, 2011) the corpus, consisting of the epistolary genre documents – letters of brasilian and portuguese people of the century XVI and XX -, in addition to surveys of DID type, 1970 and 1990, of the project constrative analysis of portuguese variety - VAPORT (Portugal) and to the project NURC (Brasil) to the Salvador and Rio de Janeiro cities, was availed in that approach.

KEYWORDS: Functionalism; Grammaticalization; Interjection; More than perfect; Verb.

REFERÊNCIAS:

- ALCOFORADO, Mariana. *Cartas de Amor* 2. ed. Rio de Janeiro: Imago. 1992.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44. ed. . São Paulo: Saraiva,1999.
- ANDRADE, Mário. *Cartas de Mario de Andrade a Manuel Bandeira*. Prefácio e notas de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1958.

- AZEREDO, Carlos de. *Gramática Houaiss de Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2014.
- AZEVEDO, J. Lúcio de. *Cartas do Padre Antonio Vieira*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1970. Tomo 1.
- _____. *Cartas do Padre Antonio Vieira*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1971. Tomo 2.
- BANDEIRA, Joalêde Gonçalves. *Carteando e dialogando com o pretérito mais-que-perfeito: os caminhos trilhados do século XVI ao XX*. Salvador: UFBA – Universidade Federal da Bahia, 2011. Tese de doutorado.
- BARBOZA, Jerónimo Soares. *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios de grammatica geral applicados à nossa linguagem*. Lisboa : Academia Real das Sciencias, [1822]1830. - XIV, 466 p. Disponível em: <http://purl.pt/128> . Data de acesso: 17 abr. 2014.
- BARRETO, Therezinha Maria de Mello. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Tese de Doutorado. Salvador: PPGLL/ UFBA, 1999.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteiral, 2009.
- BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil) *Documentos históricos*. Correspondência dos governadores geraes: Affonso Furtado de Castro do Rio de Mendonça, Roque da Costa Barreto, Antonio de Sousa de Menezes, Marquez das Minas, Mathias da Cunha, Frei Manuel da Ressureição, Antonio Luiz da Câmara Coutinho, e da Junta Trina (1671-1692). Rio de Janeiro: Augusto Porto & C., 1928. v. 10.
- BRANCO, Camilo Castelo. Correspondência e declaração íntima. In: *Obra Seleta*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960. ,v.I
- BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática de Silveira Bueno*. 20. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.
- BYBEE, Joan; et al. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. 36 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novaes *Cartas Brasileiras (1809-1904)* - Um estudo lingüístico-filológico. Volume 2, 1ª. Parte: Cartas avulsas para vários destinatários. Campinas, 2005a. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/va004> em: 30 set. 2010.

_____. *Cartas brasileiras (1809 –1904): um estudo lingüístico-filológico*. Tese (Doutorado em Lingüística) – Curso de Pós-graduação em Lingüística. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos de Linguagem, Campinas. 2005b.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A gramaticalização. Estudos lingüísticos e literários*, v. 19, Salvador: PPGL-UFBA, mar. 1997, p. 25-63.

CAVALEIRO DE OLIVEIRA (Francisco Xavier de Oliveira). *Cartas* (selecção, prefácio e notas de Aquilino Ribeiro). Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1982. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/c_001 Data de acesso: 02. dez. 2008.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 24. ed. São Paulo: Nacional, 1984. 587 p.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: FENAMÉ, 1975.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar: the structure of the clause*. Berlim: Mouton de Gruyter, 1989.

EÇA DE QUEIROZ, José Maria; MARTINS, J. P. Oliveira. *Correspondência*. Texto introdutório de Paulo Franchetti. Fixação do texto, notas e comentários de Beatriz Berrini. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/c_001 Data de acesso: 05. maio. 2009.

FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958. 524 p. (Biblioteca brasileira de filologia14).

FIGUEIREDO, Antonio Candido de. *Cartas inéditas de oitenta e cinco escritores portugueses da segunda metade do século XIX e do primeiro quartel do século actual*. Rio de Janeiro: H. Antunes, [1924]. 208 p

FORD, J. D. M. ; MOFFATT, L. G. *Letters of John III, King of Portugal*. Cambridge: Harvard University Press, 1933.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A/ Faperj, 2003.

GONÇALVES, Miguel Antonio da Costa. *A interjeição em português: contributo para uma abordagem em semântica discursiva*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

HALLIDAY, M. A. K. . *The functional basis of language*. In: BERNSTEIN, B. (Ed.). *Class, codes and control*. London: Routledge and Kegan Paul, 1973.

_____. *An Introduction to Functional Grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D. ; JANDA, Richard D. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Blackwell Publishing, 2003.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: HOPPER, P. e TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbentian, [1986]. 418 p.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.

LAVRADIO, Marquês do. *Cartas da Babia (1768-1769)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1972. (Publicações Históricas n. ° 68).

LEITE, Serafim. *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954, vol I.

_____. *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954, vol II.

_____. *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954, vol III.

LEHMANN, C. *Thoughts on grammaticalization: a programmatic sketch*. Arbeiten des Kölmer Universalien - Prôjekts 48. Cologne: Universitat zu Köln, Institut für Sprachwissenschaft, 1982.

LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Organização de Teresa Monteiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2008.

LOBATO, Antônio José dos Reis. *Arte da gramática da língua portuguesa*. Lisboa : Na Regia Officina Typografica, 1770. - XLVIII, 253 p. ; 15 cm Versão digitalizada do exemplar do CLUL (R-116). Disponível em: <http://purl.pt/196> . Data de Acesso: 17 jun. 2015.

LOBO, Tânia (org.) *Cartas Baianas Setecentistas*. São Paulo: Livraria Humanitas-Discurso, 2001.

LYONS, John. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara Kooogan, 1987.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Obra Completa*, vol. III, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 1.027 – 1.094.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da, OLIVEIRA, Mariangela Rios de & MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Ed. DP&A. Rio de Janeiro, 2003.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. 3.ed. Lisboa : Caminho, 2003.

MATTOS E SILVA. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989.

MEILLET, Antoine. L'Evolution des formes grammaticales. In.: MEILLETE, Antoine. *Linguistique bostonique et linguistique générale*. Paris : Klincksiech, 1965.

MELO, D. Francisco Manuel de. *Cartas Familiares* (seleção, prefácio e notas por M. Rodrigues Lapa). Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1942. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/c_001 Data de acesso: 02. dez. 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. Uma visão geral da gramática funcional. *Revista Alfa*, São Paulo, Vol. 38, 1994. UNESP.

_____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ORTIGÃO, Ramalho. *Cartas a Emília*. Introdução, fixação do texto, comentários e notas de Beatriz Berrini. Lisboa: Lisóptima Edições - Biblioteca Nacional, 1993. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/c_001 Data de acesso: 02. dez. 2008.

PAXECO, Fran. *Cartas de Teófilo*: com um definitivo trecho autobiográfico do mestre e duas "confissões de Camilo". Lisboa: Diário de Notícias, 1924. 100 p

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática Histórica*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1923.

PESSOA, Fernando. *Correspondências: 1905 – 1922*. Organizado por Manuela Pereira da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PINA MANIQUE, Diogo. *Pina Manique e a Universidade de Coimbra*. Cartas do Intendente e de José Rodrigues Lisboa para o Doutor Francisco Montanha. (seleção e notas de Lígia Cruz). Coimbra, Publicações do Arquivo da Universidade de Coimbra. 1984. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/cgi-bin/getversion_edictor.pl Data de acesso: 20 jul. 2010.

PROJETO ANÁLISE CONTRASTIVA DE VARIEDADES DO PORTUGUÊS. www.lettras.ufrj.br/varport. Acesso em março de 2010.

PROJETO NORMA URBANA LINGÜÍSTICA CULTA. Rio de Janeiro. www.lettras.ufrj.br/nurc-rj. Acesso em: março de 2010

RAMOS, Junia. *Interjeição & gramaticalização*: Nól e Nossa Senhora. (2010). In VITRAL, L. e COELHO, S. *Estudos de Processos de Gramaticalização em Português*. Campinas: Mercado de Letras, p. 315-332.

REICHENBACH, Hans. *The tenses of verbs*. In: _____. (ed.). *Elements of symbolic logic*. New York: The MacMillan Company, 1947. p. 287-298.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões grammaticaes ou nova grammatica portugueza*. 2. ed. aum. e rev. Baía, Romualdo dos Santos, 1915 - xiv+872 p.

RIBEIRO, Julio. *Grammatica portugueza*. S. Paulo: Tip. Jorge Seckler, 1884. 299 p.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 30. ed. (revisita e aumentada). Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7 ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, [1921] 1971.

SANTOS, Hemetério José dos. *Grammatica portugueza*. 3.ed. São Paulo: Francisco Alves, 1913. Disponível em: [http://143.107.31.150/bibliotecaPdf/Lt-620_original_WEB .pdf](http://143.107.31.150/bibliotecaPdf/Lt-620_original_WEB.pdf). data de acesso: 02 abr. 2015.

SANTOS, Elaine Cristina Silva. *Gramaticalização de verbos: o verbo ‘esperar’ no Português Popular Carioca e no Português Culto Paulistano*. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas São Paulo, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, [1916] 1995.

SILVA, Maria da Conceição Hélio. *A questão da mudança linguística na perspectiva coseriana*. In: www.prohpor.ufba.br/coseriana.doc. Disponível em 10/12/2008. Data de acesso: 21. abr. 2015.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A gramaticalização dos verbos passar e deixar*. Revista da ABRA-LIN. Volume VI. Número I. Janeiro/Junho de 2007.

_____. “A gramaticalização dos verbos começar / passar – continuar – acabar, terminar / deixar” in TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramaticalização de verbos – Relatório de pesquisa*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, Relatório de Pós-Doutorado em Linguística, 2002. (131 pp.)

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; KÖNIG, Ekkehard. The semantics-pragmatics os grammatization revisited. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. *Approaches to*

gramaticalization Vol 1: focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1991.

VITRAL, Lorenzo Teixeira; COELHO, Sueli Maria (Org.). *Estudos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. Revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Recebido em 16/09/2015.
Aprovado em 14/12/2015.